

A Mediologia de Régis Debray: limites e contribuições ao campo comunicacional

Ana Carolina Kalume Maranhão
Daniela Favaro Garrossini

RESUMO

Ainda não há no Brasil um trabalho sistemático e continuado sobre o pensamento mediológico de Régis Debray. O presente trabalho visa o estudo da Mediologia como instrumento para análise das idéias e da transmissão simbólica. O objetivo deste trabalho é esclarecer a relação entre a comunicação e a Mediologia, colocando em primeiro lugar questões que dizem respeito à definição dessa corrente de pensamento e suas reais relações com o campo comunicacional. A metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho consiste na realização de um exame aprofundado das categorias empregadas por Debray ao longo de quatro obras mediológicas como forma de apresentar e discutir os problemas da Mediologia. Como resultado, espera-se traçar condições materiais para a aproximação entre a Mediologia e as pesquisa em Comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Mediologia. Mediação. Teorias da comunicação. Pensamento comunicacional. Régis Debray.

1 Introdução

Na França, Régis Debray percorreu um longo caminho intelectual no campo das ciências humanas. Pouco estudado na história do pensamento comunicacional, Debray é um pensador que esteve notadamente presente no cenário intelectual dos anos 1980 e parte dos anos 1990, particularmente no tocante aos estudos de mediação.

Filósofo de formação, construiu ao longo dos anos uma imagem rica e complexa, fruto de peregrinações que vão do marxismo teórico e panfletário de *Révolution dans la Révolution?* (texto através do qual Fidel Castro o descobriu nos anos 1960) a práticas de guerrilha.

Sua bibliografia teve início com o texto-manifesto *Révolution dans la Révolution?*¹ (1967) e estende-se até a publicação do recente *Le Feu sacré, fonctions du religieux*² (2003) e *Les communions humaines : Pour en finir avec “la religion”* (2005), sem tradução para o português. Mas, com efeito, foi com o livro *Le Pouvoir intellectuel en France* (1979), que Debray rompe com as armas e as estratégias de persuasão para lidar com o nascimento, morte das idéias e formas simbólicas de transmissão. É em *Le Pouvoir intellectuel en France*, o lugar onde ele parte rumo a uma reflexão filosófico-mediática acerca das principais transformações simbólicas ocorridas em nossa esfera social.

Este trabalho centra seus esforços em sua bibliografia mediológica, na busca por uma maior compreensão acerca do método e fundamentação teórica que compõe a Mediologia³ e como este saber pode contribuir para o campo comunicacional. Dedicar-nos-emos a entender esta nova forma de decifrar o mundo dos signos, entender o processo pelo qual os signos tornaram-se mundo e tentar por meio deste processo, decodificar a dinâmica transformadora das idéias.

Régis Debray enfocou os efeitos de transmissão simbólica, a partir da mudança provocada no meio social onde ocorre, e analisou suas relações com as estruturas técnicas de transmissão. Desta forma, deu um salto qualitativo em sua obra e partiu do entendimento de conceitos históricos, políticos e sociológicos que regem a sociedade moderna rumo ao estudo da mediação e da epistemologia.

Estudar a Mediologia, com foco na obra de Debray, é também uma forma de minimizar falsas proposições e interpretações sobre o real campo de interesse desta corrente de estudos e sua constante análise, no Brasil, enquanto “estudo da mídia”.

No entanto, à medida que se conhece a seriedade e unidade de seu pensamento, é possível vislumbrar uma abertura ao estudo e contribuição das pesquisas mediológicas no que tange ao saber

¹ DEBRAY, Régis. *Révolution dans la Révolution?*, **Cahiers libres**, Paris, n. 98, 1967. Primeiro manifesto político publicado pelo autor.

² DEBRAY, Régis. **Le Feu sacré, fonctions du religieux**. Paris: Fayard, 2003. Tradução para o português: **O fogo sagrado: funções do religioso**. Lisboa: Âmbra, 2005.

³ As informações relativas à bibliografia temática e cronológica do autor encontram-se organizadas no *site* pessoal do autor. Conteúdo disponível em: <www.regisdebray.com>. Acesso em 7 jul. 2010. No endereço eletrônico, é possível ter acesso ao ano, data, local e editora responsável pelas obras publicadas por Régis Debray entre 1967 e 2010. O *site* fornece também uma lista de filmes e estudos de interesse do autor. Toda sua bibliografia está dividida entre as seguintes áreas: crítica da arte, filosofia e religião, literatura, política e mediologia.

■
4 Expressão referente às correntes de pesquisas em Comunicação, que ganharam maior representatividade a partir da década de 40, à medida que cresceu o número de trabalhos na área. Sua principal preocupação concerne à análise da cultura de massa e ao exame do processo comunicacional mediado pelos meios de comunicação (cf. Mauro Wolf, 2005).

comunicacional⁴. Mais precisamente, uma abordagem mediológica de questões comunicacionais poderia renovar estas últimas e contribuir para a compreensão e estudo do campo.

Neste trabalho de pesquisa limitamos nosso universo de análise a quatro obras mediológicas, são elas: *Introdução à Mediologia*, *Transmitir: o segredo e a força das idéias*, *Curso de midiologia geral* e *Manifestos midiológicos*.

A estratégia para abordar nosso objeto consistiu na realização de um exame aprofundado das categorias empregadas por Debray para apresentar e discutir os problemas da Mediologia. A categorização empreendida neste trabalho tomou a obra mediológica de Debray de forma transversal e levou em conta dois processos distintos: **um inventário**, onde os elementos foram isolados e **a classificação**, na qual estes mesmos elementos foram repartidos e colocados de forma a dar organização às mensagens. Para isso empregamos a técnica de análise de conteúdo, como forma de dividir, organizar e compreender como a Mediologia é exposta nas quatro obras que compõem o corpus analítico deste trabalho de pesquisa.

Este trabalho permitiu a identificação, através da gênese do pensamento do autor, dos principais conceitos mediológicos, de modo a poder identificá-los e estabelecer uma leitura transversal das principais obras mediológicas. Para realização desta pesquisa, partimos da observação que a compreensão do pensamento mediológico de Régis Debray não pode se dar sem a utilização de um instrumento metódico de análise de conteúdo que permita o trabalho de transformação dos dados brutos em dados organizados e analisáveis de acordo com categorias previamente definidas.

2 A Mediologia como forma de interpretação dos fatos de transmissão simbólica

Régis Debray inaugurou seus estudos mediológicos por volta dos anos 1960. Época onde esteve profundamente envolvido com a guerrilha, iniciada com o texto-manifesto *Révolution dans la Révolution*, segundo ele, manifesto portátil, que em 1969, teorizava sobre a Revolução Cubana e convocava os latinos a desenvolverem outras a partir do mesmo modelo. Perseguido, preso e condenado a 30 anos de prisão, Régis Debray nunca deixou de lado a questão canônica da história das idéias. “Será que os livros fazem as revoluções?” (DEBRAY, 1995. p.133). Com esta pergunta Debray inicia seus estudos, com foco na pragmática do pensamento e empreende um percurso intelectual focado no modo como livros, ideais e idéias vigentes fazem as revoluções.

Alguns anos mais tarde, Debray continuou a observar o estado do mundo e o estado de espírito de seus compatriotas,

experimentando outras experiências mediológicas que o levariam às análises, por meio de telegramas, relatórios e viagens sobre as questões estratégicas entre civilizações e países, e mesmo, toda a panóplia simbólica, imagética, sonora e mítica, que envolve a passagem do simbólico ao ato. O que movia todo aquele simbolismo? O que estava por trás de toda aquela linguagem? Com essa questão em mente, o autor redigiu *La Puissance et les rêves* (1984), *Les Empires contre l'Europe* (1985) e *Tous Azimuts* (1989). Estava decretado aí o nascimento da figura do mediólogo, o estudo das idéias e da influência ideológica.

Em 1984, ao regressar da Europa Central, as formas de transmissão simbólicas sofreram transformações importantes, que permitiram a Régis Debray verificar a existência de um poder mais forte no *rock n'roll*, na calça jeans ou mesmo nos satélites de televisão do que em todas as forças armadas soviéticas. O autor se propôs a analisar os fatos de transmissão cultural, com a exclusão obrigatória do véu da ideologia e das barreiras que nos impedem de enxergar nossas manifestações culturais com os olhos do real.

A Mediologia é antes de tudo um movimento intelectual voltado ao estudo dos fatos de transmissão simbólica que mais marcaram a humanidade. Debray propõe um estudo pragmático do pensamento e suas relações com as técnicas de transmissão. Abordagem que dará origem ao método e *indexação mediológica*, de forma a analisar, caso a caso, como atos e sentidos são estabelecidos a partir de práticas que envolvem atividades simbólicas de um grupo humano. Em suma, como determinadas formas simbólicas tornaram-se forças materiais.

Embora com início bem datado, foi em 1979, com a publicação de *Pouvoir intellectuel em France*, que o pensador assinala pela primeira vez a palavra Mediologia. Munido de um pequeno ensaio de descrição, o livro fazia parte de um trabalho teórico mais amplo intitulado *Traité de médiologie*, ainda em vias de ser editado. Com a titulação, mas ainda sem fundamentação teórica que a sustentasse, a verificação de toda eficácia simbólica conceituada como Mediologia foi apresentada na primeira linha do livro *Pouvoir intellectuel en France* de maneira localizada e momentânea. Não era possível naquele momento formular debates ou mesmo abrir questões sobre um saber ainda em fase de elaboração. Foi em 1991, após publicar seu primeiro trabalho inteiramente mediológico, intitulado *Cours de médiologie générale*⁵, que o autor veio a público elucidar questões a respeito da nova disciplina que estava sendo proposta.

Hoje, passados quase 20 anos, a Mediologia candidata-se ao posto de ciência e tenta explicar, por meio de uma logística de operações de pensamento como age o “poder das palavras”, a “eficácia simbólica” ou mesmo, “o papel das idéias na história”

⁵ Ao longo desta dissertação, serão utilizados títulos e datas de publicação das obras de Debray que já tenham sido traduzidas para o português, como é o caso, por exemplo, dos livros *Curso de mediologia geral* e *Manifestos mediológicos*.

retratadas no *Curso de Midiologia Geral* (DEBRAY, 1993, p.14). É por meio da publicação de *Cours de médiologie générale*, que Debray retoma as sessões deste percurso didático e oferece as primeiras explicações referentes ao tomo do tratado anunciado.

3 Transmitir sim, mas para quê?

Ao deparar-se pela primeira vez com a palavra Mediologia, muitos poderão relacioná-la diretamente com o estudo dos meios de comunicação de massa, ou mesmo com o conjunto de teorias que regem o saber comunicacional. Dedução fácil e equivocada. O estudo e interpretação concernentes aos fenômenos comunicacionais, as teorias que integram o campo ou mesmo os meios de comunicação de massa estão longe de ser o objeto de estudo mediológico ou uma real preocupação para Régis Debray. Seu pensamento centra-se no estudo das *mediações*. Mas o que isto significa exatamente? Sua tese principal consiste em substituir a palavra “comunicação” por “mediação” e desta forma valer-se de uma importante mudança de elemento que coloca a comunicação totalmente fora de suas pesquisas ou mesmo do seu interesse intelectual.

À primeira vista, uma disciplina é definida pelo seu *objeto*, e ter-se-á então a tentação de dizer: “A Mediologia é o estudo dos media”, o que seria um grave equívoco, pois, como lembrava recentemente o historiador das técnicas André-Georges Haudricourt: “Na realidade, o que caracteriza uma ciência, é o ponto de vista e não o objeto” (DEBRAY, 2004, p.11).

Ao longo das quatro obras analisadas - *Curso de midiologia geral*, 1993; *Manifestos midiológicos*, 1995; *Transmitir: o segredo e a força das idéias*, 2000 e *Introdução à Mediologia*, 2004 - é possível afirmar que a visão do autor está focada no conceito transversal do ato de **transmitir**, onde é possível imprimir à humanidade sua herança cultural, valores, bens e capitais. São transmitidos o fogo sagrado, os grandes segredos de família, de Estado, da natureza. Comunica-se, em contrapartida, sem limites. Comunica-se, pelo contrário, qualquer coisa, tendo a semântica da comunicação apenas a utilidade de fazer conhecer, fazer saber. O termo comunicar adquire um viés bem mais superficial e atua essencialmente como o transporte de informações no espaço, enquanto a transmissão é capaz de transportar idéias através do tempo e das gerações.

A nosso ver, esse termo *cancerígeno*, como metástase tão galopante quanto incontrolável, não peca somente por uma indevida *extensão* de sua utilização a tudo, sem qualquer discriminação, mas por impropriedades intrínsecas, em sua própria *compreensão*; tal situação levou-nos, pouco a pouco, a dar um estatuto peculiar aos fatos de transmissão. (DEBRAY, 1995, p.58).

Encontra-se aí a diferenciação colocada por Debray entre transmissão e comunicação. A primeira será tratada como um termo regulador, onde se transmitem bens, idéias, capital. E a

segunda, como um simples fazer conhecer, fazer saber. Mas a diferenciação do autor vai além. A comunicação, enquanto tal se mostra como uma rede responsável por religar um emissor a um receptor, presentes em duas extremidades da linha. Já para a Mediologia, a transmissão se mostra como o arrimo luminoso, algo que vai ordenar presente e passado, articular o efetivo ao virtual. A transmissão para ele, portanto, é algo que vai além do simples fato de comunicar. É fator chave para a perpetuação de vários movimentos sociais importantes, como: o cristianismo, o protestantismo, o liberalismo, o socialismo e não apenas atuou como sua vizinha “tacanha, burguesa ou em todo caso, tardia comunicação.” (DEBRAY, 1995, p.60), pois esta seria entendida como demasiado superficial para gerar os fenômenos de transmissão de herança e valores culturais atribuídos aos fenômenos citados.

A primeira [comunicação] é pontual ou sincronizante – trata-se de uma trama: uma rede de comunicação religa, sobretudo contemporâneos – um emissor a um receptor, presentes nas duas extremidades da linha. A segunda [transmissão] é diacrônica e caminhante – trata-se de uma trama – além de um drama – ela estabelece ligação entre os vivos e os mortos, quase sempre na ausência física dos ‘emissores’. (DEBRAY, 2000, p.15).

Segundo ele, os homens comunicam-se em um horizonte individualista imposto pelo processo comunicacional. Ato que se opõe ponto a ponto à natureza militante da transmissão, responsável por garantir status bem mais seguro ao patrimônio simbólico da humanidade. A Mediologia para Debray representa, além do estudo das formas simbólicas de transmissão, uma ciência sobre o **transmitir**. Na prática, o autor francês utiliza-se deste conceito como parte capital de sua teoria, que inclui os mecanismos de transmissões como responsáveis pelo processo gerador das grandes idéias sociais.

Desta maneira, o transmitir é parte intrínseca e fator capital para o estudo das **mediações**, tese principal do pensamento de Debray. Quando substitui a palavra comunicação por mediação, Debray passa de uma filosofia da comunicação para uma filosofia da mediação, onde o mediador substitui o mensageiro.

Daniel Bougnoux é um autor que se coloca totalmente em contraposição a esta idéia. Isso fica tão claro em seus livros pela forma, inclusive verbal de se reportar ao fato de comunicar algo. “[Os] meios de comunicação tradicionais **transmitem**, segundo um esquema “um/todos”, mensagens necessariamente impessoais, e fortemente estandardizadas segundo os índices de audiência ou a vocação dos canais.” (BOUGNOUX, 1999, p.22, grifo nosso).

É possível notar a utilização da palavra **transmitir**, sendo colocada como verbo de ação para os meios de comunicação de massa, o que na visão de Debray é inadmissível, já que esses

meios são apenas capazes de reproduzir uma informação segundo ditames técnicos. Bougnoux ressalta que dentre as missões preenchidas por nossos diferentes meios de comunicação, uma visão intelectualista privilegiou muito tempo à informação pura, ou fatores culturais, enquanto a comunicação consiste primeiramente em organizar o vínculo social, em estruturar a vida quotidiana e em manter a coesão na sociedade. E se comunicar é relacionar-se, manter vínculos sociais, autenticar relações, não deixa de ser uma forma de orquestra ou como bem exemplificado pela frase de Gregory Bateson e a escola de Palo Alto: “Comunicar é entrar na Orquestra”.

Dito de outro modo é impossível comunicar bem, sem acordar com os jogos vigentes ou harmonizar as partituras.

Entrar na orquestra, é jogar o jogo de um certo código, inscrever-se numa relação compatível com os canais, os meios de comunicação, a rede disponível. Ora, esta rede por definição nos precede, encontramos-la muito mais do que a criamos. Isso se chama também o simbólico, cujo melhor modelo é o código da língua que falamos. [...] Comunicar supõe que se adote essa orquestra sem modificações excessivas, e que se insira sua voz ou sua interpretação na representação geral (BOUGNOUX, 1999, p.35).

Ou seja, para Bougnoux, comunicar pode até ir além do transmitir. É necessário engendrar-se em uma rede tão complexa como a que rege as relações sociais entre os indivíduos para corretamente compreender o fato de comunicar algo. E isso é o que se destina a Mediologia, a compreender processos tão complexos quanto cruciais para a formação do pensamento social e a construção de certos vestígios analisáveis sob a ótica do simbólico.

Porém, sua discordância quanto ao pensamento de Régis Debray não fica por aí. O modelo de Bateson – um dos pais da abordagem cibernética em comunicação – é mais sensível às causalidades sistêmicas ou em círculo, assim como à prioridade da relação sobre o conteúdo de nossas mensagens. Mas se Debray rejeita a comunicação enquanto ciência, ele trata a Mediologia enquanto o domínio das relações entre os homens, a mesma relação que Bougnoux classifica enquanto parte do escopo comunicacional e havia classificado enquanto uma relação pragmática (*práxis*) – ação do homem sobre o homem. Bougnoux deixa claro seu pensamento mediológico quando afirma que,

A Mediologia (Debray, 1993) tem como objeto o estudo do sistema dos estrangulamentos materiais e guaiamentos técnicos graças aos quais a informação circula. Apóia-se, portanto, na “questão técnica”. O mediólogo não considera o pensamento como já elaborado, espontâneo ou disponível de antemão, mas como a adaptação sonambúlica a essas redes às quais responde na medida em que se ajusta a elas. Todo pensamento “convive com” a infraestrutura mediática em geral que constitui seu parceiro oculto (BOUGNOUX, 1999, p.33).

Bougnoux desta forma sistematiza e explica a Mediologia enquanto uma disciplina formada por diferentes horizontes do

saber. Ele a define como: “[...] o estudo das relações entre fatos de comunicação e de poder, ou da influência (complexa, não mecânica) de uma inovação mediática sobre um movimento intelectual.” (BOUGNOUX, 1999, p.17).

É o estudo das idéias e da física de nossos pensamentos, capaz de tornar uma representação mais dinâmica que outra disseminada no mesmo tempo e espaço. Mas para tornar uma idéia factível não apenas de veracidade e circularidade, mas capaz de ganhar “a mente e o coração dos homens”, Bounoux coloca os meios de comunicação de massa enquanto fatores chave na propagação destas, ao contrário de Debray que os exclui e sequer considera a comunicação enquanto um campo específico, capaz de ser estudado e dentro do escopo constituinte das ciências do homem.

A comunicação na visão de Bounoux é singular na formação de uma nova paisagem social. Serve tanto para intoxicar a sociedade, com suas campanhas de massa, propagandas, prestação de esclarecimentos, quanto uma “ideologia de reconciliação”, que poderia ser capaz de superar o divórcio que se aprofunda entre as formas de transmissão cultural superiores, elencadas por Debray: literária, científico-técnica e cultura de massa. O que o autor busca é por uma maior inteligibilidade entre estes três aspectos, onde os média seriam ao mesmo tempo as causas e o efeito dessa cisão. Debray se preocupa em tirar o véu dos efeitos dos meios de comunicação de massa, enquanto fatores determinantes sobre a mediação técnica, e demonstrar os efeitos das técnicas em nosso comportamento social e cultural.

4 Ciências da Informação e da Comunicação (CIC)

Como forma de suprir uma lacuna epistemológica sobre as mudanças que os meios de comunicação provocam nas sociedades contemporâneas, Daniel Bounoux defende a autonomia e legitimidade das Ciências da Informação e da Comunicação (CIC). Segundo ele, denominam o estudo acadêmico da comunicação.

As CIC correspondem a uma exigência pedagógica e teórica. Nasceram, nas universidades, do desejo de adaptar os cursos a perspectivas inéditas e à rápida expansão de novas profissões: no campo intelectual, a discussão surgiu de uma interrogação antropológica sobre a redefinição de cultura [...]. Na prática, nossas CIC acompanham e tentam enquadrar, hoje em dia, as transformações dos meios de comunicação, o desenvolvimento incessante das “novas tecnologias”, e assim como a expansão das relações públicas em geral. (BOUGNOUX, 1999, p.13).

No campo intelectual, a disciplina surgiu de uma interrogação antropológica sobre a redefinição da cultura, identificada com as diferentes maneiras de comunicar e, de início, centrada nos anos 1970 nas trocas e na formalização lingüística realizada com as pesquisas estruturalistas de Lévi-Strauss, Barthes ou Jakobson.

Na prática, nossas CIC acompanham e tentam enquadrar, hoje em dia, as transformações dos meios de comunicação, o desenvolvimento incessante das 'novas tecnologias', assim como a expansão das relações públicas em geral. Elas concernem, portanto, ao mesmo tempo, a muita gente e encontram-se esparsas na cultura e no corpo social. À sua maneira, a "comunicação" prolonga a filosofia recolocando as grandes questões sobre a verdade, o real, a coesão social, o imaginário, a possibilidade do ensino, da justiça, do consenso, do belo, com conceitos renovados. (BOUGNOUX, 1999, p.14).

O que Bounoux demonstra é que as CIC examinam nossas condições práticas, sob o instrumental mediático, institucional e simbólico, favorecendo, desta forma, o retorno ao sujeito, ou mesmo, ao sujeito e todo o arsenal técnico em que está inserido. Para fixar o pensamento de Bounoux é necessário, entretanto, focar parte dos estudos comunicacionais na história da tecnologia e na transmissão das mensagens.

A concepção comunicacional de Daniel Bounoux, ao contrário de Debray, implica uma ação sobre o espírito das pessoas e sob essas, é capaz de formular simbologias e transmitir informações e vestígios materiais de sentido que serão incorporados e utilizados pelo social. Bounoux define bem neste fragmento o que pensa sobre a dialética tão refutada por Debray: "a ação comunicacional não põe em relação o sujeito e o objeto (par técnico), mas o sujeito com o sujeito (par pragmático). **É o homem agindo sobre (as representações de) o homem por meio dos signos.**" (BOUGNOUX, 1999, p.16, grifo nosso).

E, pode-se dizer, que é próprio desta relação não ser automática, arbitrária, ou como diz Debray, uma mera extrapolação técnica na contenção de ruídos que marcam o processo comunicacional. É próprio desta relação não ter certeza ao certo dos efeitos que surgirão como resposta. A comunicação apareceria, portanto como a parte não qualificável, quantificável de nossas relações ou trocas. Aquela que não se deixa tecnicizar, nem descrever objetivamente. O pensamento de Bounoux é tão contrário ao que diz respeito à definição de Debray acerca do comunicar e transmitir, que ele chega a oferecer o mesmo exemplo, só que de modo contrário à Debray. Bounoux mostra que não é necessário ocupar a profissão de educador ou mesmo de sacerdote para ser capaz de transmitir uma idéia. Muitos que já a ocupam não conseguem sequer comunicar um fato.

Onde as relações pragmáticas aleatórias conseguiram fixar-se a objetos, a pontos fixos ou a rotinas bem conhecidas, elas perderam o nome de comunicação para se chamarem simplesmente de ensino, comércio ou venda... Mas essa autonomização relativa em torno dos conteúdos não soluciona a questão sempre preocupante da *relação*: quantos pedagogos sábios, mas incapazes de dar aula! Quantos médicos, bons técnicos das feridas ou dos micróbios, mas inaptos para prodigar ao paciente o mínimo apoio! – O inglês distingue dois níveis de cuidados, *to cure*, objetivo e *to care*, subjetivo ou relacional. (BOUGNOUX, 1999, p.18).

Assim vemos que é no livro *Introdução à Mediologia* o lugar escolhido por Debray para servir de palco à dialética entre o transmitir e o comunicar. Determinante, segundo o autor francês, em explicar as diferenças e semelhanças entre o projeto mediológico e o pensamento comunicacional (ou segundo ele, da não existência desse pensamento), ele mostra na obra a necessidade de transmitir o conhecimento como forma de construção do imagético social e consequentemente, de elaboração de um plano mediológico.

Já sua antagonista, e nem tão próxima assim, comunicação fica restrita aos cães de guarda, à passagem de informações. Com baixíssima capacidade de armazenar, a comunicação se destina não apenas a conversa entre duas pessoas, ao diálogo interpessoal, mas ao conteúdo liberado por meio de um meio técnico ou integrante do escopo dos *mass media*.

5 Comparações, limites e contribuições dos estudos mediológicos

Não é a apresentação de uma mensagem, a que a Mediologia se destina. Sua finalidade encontra-se centrada no estudo dos procedimentos através dos quais a mensagem é expedida, circula e, na maior parte das vezes, encontra seus compradores. A proposição mediológica não tem crenças nem doutrinas a promover. “Não é ciência, nem panacéia. Limita-se a interrogar as condições do desenvolvimento das doutrinas – religiosas, políticas ou morais – e os motores da autoridade doutoral.” (DEBRAY, 2004, p. 139). Seu fundador não a coloca como portadora das grandes idéias que moveram a humanidade, pouco menos promete status, ou elevação social. Tampouco é portadora de boas notícias, de libertação ou cura. Mas a que a Mediologia se destina? É de maneira irônica que Debray abre o VI capítulo de *Introdução à Mediologia* e explica a que veio a prática mediológica. Aqui, ele ressalta o papel de intermediária no processo de investigação das idéias e vestígios sensíveis a uma intenção de sentido, que são responsáveis pelas transmissões simbólicas e culturais de um povo. “Não é doutrina imputável a um fundador. Limita-se a interrogar as condições do desenvolvimento das doutrinas – religiosas, políticas ou morais – e os motores da autoridade doutoral” (DEBRAY, 2004, p.139).

Sua função primordial é ajudar a compreender partes difusas da vida social, o trajeto de um pensamento, até o seu tornar-se força material ou mesmo a evolução das idéias e seu ganho obtido na ordem do conhecimento. O que não a exclui em nada do projeto racionalista, que separa o cidadão pragmático do sujeito epistêmico – a abertura ao saber objetivo de um novo nível de realidade. O que a Mediologia busca, na prática, é falar com conhecimento de causa a cerca de procedimentos, objetos, redes localizadas no interior de uma problemática idealista, que

podem alojar análises materialistas complexas dentro de um quadro normativo contrário a evidências dogmáticas. Ela ambiciona construções interpretativas, se propõe a uma análise nova do antigo que tenta sistematizar com o máximo de rigor um conjunto ainda desconectado de fatos e evoluções empiricamente constatáveis. Fenômenos, que não deixam de estar escondidos sob a palavra “cultura”.

Este ordenamento choca com os costumes mas permite uma visão nova pelo simples fato de **estabelecer ligações onde elas não existiam**. É o volume do não-pensado subjacente aos fenômenos de transmissão, bem como o seu estado de asilo e de ostracismo que os incita a avançar (DEBRAY, 2004, p.143, grifo nosso).

Debray afirma nas quatro obras mediológicas analisadas, tratar de uma disciplina que busca compreender as formas simbólicas de transmissão. Mas o que está em jogo é o risco de transformar uma iniciativa pessoal em veredicto científico.

A pesquisa só encontrará vantagens em pequenas construções inteligíveis, localizadas, acomodáveis, transportáveis, através de várias tentativas sem personalizar o debate, sem hastear a bandeirola na sua península e, mais ainda, sem fulminar os seus vizinhos num tom de encíclica (DEBRAY, 2004, p.143).

Daniel Bounoux, por outro lado, garante à Mediologia significado dentro de um quadro das ciências do pensamento. Ele derruba a postura modesta de Debray e coloca a disciplina ao lado das ciências e da filosofia, como a arte de descrever o significante e o trabalho das técnicas.

Com efeito, trata-se de derrubar barreiras que impõe a continuidade do pensamento entre natureza e cultura, entre as relações de força e o simbólico, entre a técnica e a ciência. Seu critério, segundo ele, é o confinamento informacional, que se preocupa pelo ser vivo em sua integridade.

A Mediologia nada mais faz do que apoiar-se na questão técnica para estudar a trajetória material das idéias e vestígios sensíveis a uma intenção de sentido. Não há ciências sem laboratórios, bibliotecas, congressos, estrutura universitária. Não há enunciado que não seja, a montante, caucionado por uma tradição de pesquisas críticas e, a jusante, citado, traduzido, propagado por aliados. Um discurso que não seja retomado por outrem, não é uma verdade, assim como um fato que não seja publicado por um jornal não chega a constituir uma informação.

O mediólogo não considera o pensamento como já elaborado, espontâneo ou disponível de antemão, mas como a adaptação sonambúlica a essas redes às quais responde na medida em que se ajusta a elas. Todo pensamento *convive com* a infra-estrutura mediática em geral que constitui seu parceiro oculto (BOUGNOUX, 1999, p.33, grifo nosso).

Mas a Mediologia, sem dúvida, ainda carece de maior rigor metodológico para se afirmar enquanto disciplina no campo das

ciências humanas. Não obstante, é possível ver a discordância de pensamento por parte de Debray ao longo de suas obras mediológicas.

Ele mostra em *Curso de Midiologia* os primeiros passos do que virá ser a investigação sobre a história das doutrinas. Logo no primeiro capítulo, coloca a seguinte questão: o que é Mediologia e qual seu objeto de estudo? E de forma surpreendente, responde, que devemos começar a visualizar o que ela não é. E afirma que é preferível investigar sobre o que se fala. Qual o objeto da Mediologia?

Pergunta chave onde Debray afirma encontrar a resposta nos *corpos médios*, aqueles que estão no meio da caixa preta de uma produção de sentido, entre um *in-put* e um *out-put* e são os grandes responsáveis por esta máquina de fazer sentido, que tornam operacional uma transmissão e formulam a questão do método: em que condições é possível uma herança? Questões que serão retomadas de forma mais acabada alguns anos depois com a publicação de *Transmitir*, e em seguida no livro *Introdução à Mediologia*, este um dos últimos livros publicados sobre o tema, e que trata com distanciamento necessário a busca pela chave epistemológica, ainda não esclarecida nos volumes anteriores.

É com a publicação de *Transmitir*, o lugar encontrado pelo autor para tratar de algumas intenções de pesquisa mediológica. A obra demonstra um claro interesse de demonstrar como uma ferramenta técnica não deixa de ser uma forma de nos relacionarmos com o social e nossas relações sociais são todas mediatizadas por dispositivos técnicos.

Esta é a publicação que melhor concentra conceitos acerca dos instrumentos técnicos e como o processo de transformação simbólica está imbricado neste aparato tecnológico. Debray cita os trabalhos de Alain Gras e Philippe Breton como percursores no estudo da história das mentalidades. Mas é com Althusser, seu tutor de filosofia na *École Normale* e Bruno Latour, que a história de nossas máquinas passará a estar grudada com a de nossos mitos. É o exemplo de Frankenstein, tomado como metade homem, metade máquina. Um não funciona sem o outro e isto torna impossível traçar fronteiras inimigas entre os campos. Dessa forma, nenhuma forma cultural é dada antecipadamente do dispositivo material que a torna possível. A história técnica acaba por garantir à Mediologia um sólido terreno empírico de apoio.

Em seguida, com o aparecimento do livro *Introdução à Mediologia*, onde elementos abordados em *Transmitir* receberão uma proposta mais bem acabada e permitirão ao mediólogo traçar suas reais relações de sentido.

É exatamente esse o nosso propósito: estabelecer as correlações entre as nossas 'funções sociais superiores' – ciência, religião, arte,

ideologia, política – e os nossos procedimentos de memorização, representação e remoção: explorar as interseções entre ‘o nobre’ e o ‘vulgar’, o que freqüentemente é traduzido por unir um macro a um micro fenômeno. (DEBRAY, 2004, p.65).

Mas é em *Manifestos Midiológicos*, publicação lançada no Brasil, dois anos depois de *Curso de Midiologia*, onde Debray afirmará que existe um atraso eterno entre a utilização efetiva da técnica e do acontecimento em relação a isto. Apesar de profícua em explicações, *Manifestos* mostra uma clara discordância de pensamento com relação a suas predecessoras.

É neste livro ainda onde o autor falará com maior veemência porque estudar a história dos vestígios simbólicos de formação de um todo social, não cabe, sob a ótica da comunicação. O encontro com a infância da humanidade, o qual se propõe o mediólogo é um caminho que não se pode percorrer com os olhos da comunicação, estes sob medida para enxergar ruídos e emissão de informações por meio eletrônico. Com efeito, ele reafirma que para comunicar, basta interessar.

Para bem transmitir, é necessário transformar, senão converter. Um mediático calcula em semanas, dias ou mesmo meses, um mediador em decênios, senão em séculos. A plataforma temporal muda de sentido tanto quanto o olhar por um mesmo objeto. O que veremos é que o olhar sob o ponto a ser investigado não muda. Tanto a Comunicação quanto a mediação se interessam por fenômenos comunicativos mediatizados por dispositivos técnicos.

Régis Debray's mediology: contributions and limits to the communicational field

ABSTRACT

There is no systematic and continued study on the mediological thoughts of Régis Debray in Brazil as of yet. The present work aims at addressing this theoretical gap studying Mediology in its role as an instrument for the analysis of ideas and of symbolic transmission. This way, the research aims at explaining the relationship between communication and Mediology, departing from questions related to this train of thought and its interactions with the field of communication. The methodology used for the development of the work consists in the analyses of the categories employed by Debray among four mediologie books. This was made in order to systematized and discussed the problems of the Mediology. As result, this research aims to draw material conditions for the approximation between Mediology and investigates them in Communication field.

KEYWORDS: Mediology. Mediation. Theories of communication. Communicational thinking. Régis Debray.

La Mediología de Régis Debray: límites y contribuciones al campo comunicacional

RESUMEN

Todavía no existe en Brasil un trabajo sistemático y continuó sobre el pensamiento mediológico de Régis Debray. El presente trabajo busca el estudio de la mediología como un instrumento para el análisis de las ideas y de la transmisión simbólica. El objetivo de

este trabalho es el de aclarar la relación entre la comunicación y la mediología, colocando en primer lugar cuestiones que dicen al respecto de la definición de esta corriente de pensamiento y sus reales relaciones con el campo comunicacional. La metodología utilizada para el desarrollo del trabajo, consiste en la realización de un examen profundo de las categorías empleadas por Debray a lo largo de cuatro obras mediológicas, como forma de presentar y discutir los problemas de la mediología. Como resultado, se espera trazar condiciones materiales para la aproximación entre la mediología y las investigaciones en comunicación.

PALABRAS CLAVE: Mediología. Mediación. Teorías de comunicación. Pensamiento comunicacional. Régis Debray.

Referências

BOUGNOUX, D. **Introdução às Ciências da Comunicação**. São Paulo: Edusc, 1999.

DEBRAY, Régis. **Biografia**. França, 2007. Disponível em: <<http://www.regisdebray.com>>. Acesso em: 28 jun. 2010.

_____. **Cahiers de mediologie**. França, 2007. Disponível em: <<http://www.mediologie.org>>. Acesso em: 23 jul. 2010.

_____. **Curso de mediologia geral**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

_____. **Des Machines et des ames**. Paris: Descartes & Cie, 2002.

_____. **Introdução à mediologia**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

_____. **Introdução às Ciências da Informação e da Comunicação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

_____. **Les Enjeux et les moyens de la transmission**. Paris: Plein Feux, 1998.

_____. **Le Feu sacré, fonctions du religieux**. Paris: Fayard, 2003.

_____. **Le Pouvoir intellectuel en France**. Paris: Ramsay, 1979.

_____. **Manifestos midiológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____. **O Estado sedutor: as revoluções midiológicas do poder**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. **O Fogo sagrado: funções do religioso**. Lisboa: Âmbar, 2005.

_____. Révolution dans la Révolution?. **Cahiers libres**, Paris, n. 98, Maspero, 1967.

_____. **Transmitir: o segredo e a força das idéias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Ana Carolina Kalume Maranhão

Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB).

Pesquisadora do Núcleo de Multimídia e Internet – NMI, Faculdade de Tecnologia, Universidade de Brasília (UnB).

E-mail: ckalume@gmail.com

Daniela Favaro Garrossini

*Doutora em Comunicação Social pela
Universidade de Brasília (UnB).*

*Professora do Instituto de Artes – IDA, da
Universidade de Brasília (UnB).*

E-mail: daniela.garrossini@gmail.com

Recebido em: 27/07/2010

Aceito em: 09/11/2010